

Resenha

Dificuldades de aprendizagem ou da escola? Velhas questões, novas perspectivas.

Lorena da Silva Dias*

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Dificuldades de aprendizagem ou da escola?** São Paulo: Paco Editorial, 2021.

Há tempos as dificuldades de aprendizagem vêm sendo alvo de inúmeros estudos e debates entre os profissionais que atuam em diferentes áreas. Educadores, psicólogos, médicos, terapeutas e tantos outros, todos empenhados, buscando compreender os processos de construção do conhecimento e com o objetivo de exercer novas práticas que atendam às necessidades das crianças cujos comportamentos são tidos como incompatíveis à aprendizagem considerada típica.

A obra “Dificuldades da aprendizagem ou da escola?”, escrita por Zuleide Blanco Rodrigues em 2021, traz essa discussão baseada em uma pesquisa realizada no ano de 2007 na rede municipal de ensino da região metropolitana de São Paulo. Sua relevância está pautada nas reflexões e análises das problemáticas que envolvem o processo de ensino nas escolas públicas da contemporaneidade, tendo como premissa a perspectiva dos professores sobre os alunos que apresentam dificuldades em aprender, ficam abaixo do rendimento escolar e conseqüentemente aquém dos padrões estabelecidos.

Inicialmente, a autora aponta que a principal motivação para a elaboração da pesquisa surge da inquietação que emergia em sua prática pedagógica, na qual profissionais de educação encaminhavam os alunos que, segundo eles, não conseguiam aprender da forma adequada, solicitando através das fichas de encaminhamento (procedimento adotado na rede municipal de Carapicuíba) um atendimento especializado. Tais fichas eram

preenchidas pelos professores, que descreviam aspectos inerentes aos alunos sobre as singularidades relacionadas ao baixo rendimento e apontavam que estes deveriam ser encaminhados ao NAAI – Núcleo de Apoio e Acompanhamento Interdisciplinar. A expectativa desses professores seria que o atendimento especializado pudesse sanar as brechas do processo de aprendizagem.

Contudo, baseada nas produções e contribuições de Pierre Bourdieu (1998, 2007 e 2008), Rodrigues faz uma reflexão crítica à postura desses professores que, mesmo de forma inconsciente, eximiam-se de seu papel como agentes fundamentais e partícipes de todas as vivências do cotidiano escolar, atribuindo unicamente às crianças a culpa pelo fracasso, desconsiderando outros aspectos fundamentais ao desenvolvimento. Acabava-se por atribuir uma perspectiva de medicalização ou psicologização, imputando enganosamente, questões não médicas a problemas médicos, tratando diferentes ordens como “doenças psicológicas”, mascarando questões sociais, culturais, afetivas e estruturais que fazem parte da vida do indivíduo e podem factualmente ser a causa dos problemas.

Estruturalmente, a obra está dividida em dois capítulos. No primeiro, “Aprendizagem e dificuldades de aprendizagem”, Rodrigues traz diferentes abordagens teóricas, no intuito de problematizar e se fazerem conhecidas as diferentes formas como o sujeito aprende, sendo elas: “o behaviorismo, a psicologia genética de Piaget e a abordagem sociocultural de Vygotsky.” Fazendo com essas teorias, um paralelo entre as ciências médicas, educativas e psicológicas.

Também neste capítulo, a autora faz um aprofundamento das perspectivas que caracterizam as dificuldades de aprendizagem e traça um parecer analítico sobre o equívoco ou falta de conhecimento das terminologias associadas ao conceito de dificuldades, “A diversidade na terminologia contribui, ainda mais, para a ambiguidade...”. De acordo os pensadores citados no texto, as diferenças e classificações que deveriam ser consideradas entre os termos de distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem,

têm sido negligenciadas. Habitualmente e de forma indiscriminada no cotidiano escolar, tais conceitos vêm sendo validados como se obtivessem o mesmo significado, isso possivelmente ocorra pela escassa literatura que aborde tal temática ou pela reprodução do senso comum.

Ao versar o texto, encontramos um importante panorama histórico das dificuldades de aprendizagem e a conceptualização das diferentes caracterizações dos transtornos, considerando a demanda dos processos de escolarização e o erro em levar para a área da saúde questões de cunho pedagógico. “Analisar as dificuldades escolares é analisar o conhecimento de quem ensina e como ensina”, tal pensamento propicia ao leitor conhecer e repensar sobre os conceitos e rótulos empregados e a refletir sobre as práticas pedagógicas, principalmente os que atuam nas Unidades Escolares.

A autora faz menção às contribuições de Samuel Kirk, que por volta do ano de 1962 foi considerado como o precursor nos estudos das dificuldades e distúrbios de aprendizagem, sendo um relevante psicólogo que contribuiu para que os termos tivessem a finalidade de situar esta problemática num contexto educacional, tentando, assim, modificar a conotação clínica que a caracterizava até então. Neste período, o interesse se voltava aos que tinham problemas de aprendizagem, especialmente àqueles que não aprendiam a ler.

Outra questão a salientar no texto é a abordagem das dificuldades de aprendizagens, como déficits, em um ou mais processos, que envolvam o uso da linguagem falada e escrita, e que poderiam se manifestar em aptidões imperfeitas para ouvir, ler, pensar. Sendo possível se manifestar em características naturais ou de percurso, observadas em alunos que, por diferentes fatores, não acompanham os pares: falta de assiduidade, conflitos familiares, inadequação metodológica, mas também podendo ser por aspectos secundários ou de outras patologias.

Objetivando explicar o baixo rendimento escolar, a autora faz alusão à criação, por parte da OMS (Organização Mundial da Saúde), de um estudo que resultou nas “Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas destinadas ao uso clínico, educacional e assistencial em geral.” Os transtornos passam a ser

enquadrados na classificação do CID-10 (Código Internacional de Doenças), na qual se constata uma suposição de predileção de fatores biológicos, os quais não interagem com fatores não-biológicos.

No capítulo 2, “As dificuldades de aprendizagem pela óptica dos professores”, são apresentados e analisados dados colhidos através das fichas de encaminhamento. De forma sistematizada, são expostas tabelas com diferentes aspectos relacionados às principais queixas dos professores e sobre as especificidades dos alunos encaminhados, entre elas: quantidade de encaminhamento por escola, distribuição dos encaminhamentos por idade, sexo, ano de escolaridade, frequência e comportamento. A autora faz uma apreciação acerca da forma como foram elaboradas as questões contidas nas fichas, sinalizando que a própria formulação tende a “...induzir à individualização centrada no aluno...”, visto que tais perguntas remetiam a um processo de patologização, atribuindo o *status* de doenças às questões que poderiam ser educacionais e aos alunos, a responsabilidade pela dificuldade em aprender.

Na última parte do livro, é possível ter acesso ao modelo das fichas com o protocolo de investigação e se faz mostra de alguns exemplares preenchidos. Segundo Rodrigues, pode-se considerar que após a análise dos dados em comparação aos estudos realizados, foi possível ter uma compreensão clara de como os professores, o sistema educacional e a literatura defasada “têm reduzido o fenômeno a problemas de ordem individual (aluno) e/ou familiar.”

Percebe-se que a definição do termo dificuldade de aprendizagem tem se apresentado como uma das tarefas mais complexas para aqueles que trabalham direta ou indiretamente com educação, pois diferentes são os entendimentos sobre os aspectos que interferem no processo. Enquanto para alguns autores como (LEITE, 2012), (FELIX e FREIRE, 2012) as questões relacionadas às dificuldades em aprender se justifiquem estritamente aos fatores externos à criança, principalmente aos de cunhos socioculturais e pedagógicos, para outros, como (CORREIA, 2008), embora as dificuldades não

resultem de privações sensoriais, deficiência mental ou problemas motores, podem ocorrer concomitantemente a eles.

Sendo assim, cabe buscar uma definição mais abrangente e que comporte todo o sentido implícito na identificação das dificuldades de aprendizagem. No documento do *National Joint Committee of Learning Disabilities/ NJCLD* (1994) é possível encontrar um conceito que envolve características de maior consenso atualmente, tratando as dificuldades como um grupo heterogêneo de desordens, que podem se manifestar por desajustes na aquisição e uso das capacidades linguísticas ou matemáticas e que estas desordens podem ser intrínsecas aos indivíduos (problemas comportamentais, deficiência sensorial, intelectual ou distúrbio emocional grave), mas que também ocorrem por influências extrínsecas (diferenças culturais, sociais, ensino insuficiente ou inadequado).

Posto isto, é possível reiterar que a presente obra permite à escola, aos profissionais de educação e a todos que se afetam por essa temática, não apenas conhecer as definições em termos teóricos, mas despertar importantes ponderações que possam contribuir para minorar a segregação dos alunos que apresentam ritmos diferentes do previsto para a trajetória escolar.

Sua leitura nos provoca reflexões e nos leva a entender que independentemente dos entraves percebidos, da realidade vivenciada nas salas de aula e das perguntas que por vezes permanecem sem respostas prementes, os estudos teóricos e as práticas apresentadas no texto, direcionadas às dificuldades de aprendizagem, precisam ser evidenciadas e encaradas como questões céleres no âmbito educacional. E que, apesar de a autora definir a sua obra como “pequena e modesta contribuição”, entende-se tal análise como de grande valia aos que buscam aprofundamento nesse tema tão abordado, mas pouco compreendido.

*** Lorena da Silva Dias** é Mestranda em Educação, Comunicação e Cultura pela UERJ/FEBF. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Grande Rio e Especialização na área de Administração,

Supervisão e Orientação Educacional pelo Centro Universitário Plínio Leite.
Atua como professor II na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e
Especialista em Educação na Prefeitura Municipal de Magé.
Contato: ld10.dias@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 10/05/2023
Aprovado em: 17/06/2023

Como citar este texto: DIAS, Lorena da Silva. Dificuldades de aprendizagem ou da escola? Velhas questões, novas perspectivas. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 09, nº 01, p. 261-266, 2023.

Referências bibliográficas

CORREIA, L. M. **Dificuldades de aprendizagem específicas: Contributos para uma definição portuguesa**. Porto: Porto Editora. 2008.

FELIX, Tatiana E. R.; FREIRE, Regina Maria. **Dislexia sob o olhar da literatura específica. Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 24, n. 3, p.299-307, 2012.

LEITE, V. A. M. **Dimensões da Não Aprendizagem**. Curitiba, PR: IESDE, 2012.

NATIONAL JOINT COMMITTEE ON LEARNING DISABILITIES. **Collective perspectives on issues affecting learning disabilities**: Austin, TX: Pro-Ed., 1994.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Dificuldades de aprendizagem ou da escola?** São Paulo: Paco Editorial, 2021.